Dia 3 — Santa Maria Egipcíaca, Penitente

No ano 421, imperando Teodósio, o Jovem, sucedeu a preciosa morte de Santa Maria Egipcíaca, cuja penitência e demais admiráveis virtudes quis o Senhor descobrir ao mundo por meio de São Zósimo, como em outro tempo se valeu de Santo Antão para manifestar aos fiéis a assombrosa penitência e demais virtudes de São Paulo.

Vivia num mosteiro da Palestina certo famoso solitário chamado Zósimo, o qual, criado desde sua infância nos exercícios da vida religiosa, havia conservado o primeiro candor da inocência e chegado a uma eminente virtude. Mereceu tão elevado e tão geral conceito pela pureza de seus costumes, por seu fervor nos penosos exercícios da penitência, seu amor ao retiro, sua contínua aplicação à oração, sua devoção fervorosa e terna e pelas celestiais luzes que o Senhor lhe comunicava, que o bispo diocesano o ordenou sacerdote.

Havia cinquenta e três anos que vivia Zósimo entregue aos exercícios da vida solitária quando foi tentado por certos pensamentos de complacência que se encaminhavam a fazê-lo presumir que, tendo-se retirado ao mosteiro desde sua meninice, talvez não haveria outro naquela solidão que estivesse tão adiantado como ele no caminho da perfeição.

Inquieto com estes vãos pensamentos, que não condenava o bastante, viu vir a si certo monge forasteiro, o qual, para desenganá-lo e para que conhecesse a ilusão do inimigo, lhe disse que pedisse licença a seu abade para acompanhá-lo a outro mosteiro não distante, pouco conhecido, mas onde encontraria grandes e poderosos remédios contra a doença de seu orgulho, à vista das extraordinárias virtudes de um grande número de solitários.

Consentiu Zósimo e, admitido naquele mosteiro, em poucos dias conheceu sua miséria e esteve muito longe de ter-se por perfeito quando viu a que grau de perfeição haviam chegado os religiosos daquela casa. Era, por assim dizer, uma comunidade de anjos mortais que, ocupados unicamente em servir a Deus, esqueciam-se até das mais ordinárias conveniências da vida; seu retiro era verdadeiramente admirável, sua ocupação contínua, a oração, o trabalho de mãos e o canto do saltério; e, ainda que parecesse impossível maior nem mais rigorosa penitência que a que faziam no mosteiro no decurso do ano, logo que chegava a quaresma retiravam-se todos a passá-la no deserto, em memória da que o Filho de Deus passou nele, para imitá-lo no rigor de seu jejum. Esta cerimônia se praticava desta maneira: celebrava-se no primeiro domingo da quaresma uma missa muito solene, na qual comungavam todos os monges e, recebida a bênção de seu abade, despediam-se uns dos outros ternamente, dando-se ósculo de paz; abria-se a porta do mosteiro, saíam todos e, passando o Jordão, cada um se retirava ao mais profundo e escondido do deserto, até o domingo de Ramos, em que todos deviam voltar ao mosteiro.

Passou Zósimo o Jordão com os demais monges. A ânsia que tinha de descobrir naquela espantosa solidão algum grande servo de Deus foi-o empenhando mais e mais, e internou-se muito nela. Havia vinte dias que corria aqueles espaçosíssimos desertos quando, parando por volta da hora do meio-dia para cantar salmos, segundo seu costume, advertiu a alguma distância como que um fantasma ou sombra de corpo humano que corria aceleradamente. Era uma mulher que, havendo-o percebido, ia fugindo dele. Zósimo, que não sabia o que era, sobressaltou-se a princípio; mas, recobrado um pouco, foi correndo atrás dela e, quando chegou a distância em que podia ser ouvido, levantou a voz e disse: «Servo de Deus, rogo-te, por aquele Senhor a quem serves, que te detenhas e me aguardes.» Fê-lo a mulher logo que se meteu na fenda de um barranco, onde de algum modo podia encobrir sua nudez. Quando o santo velho se ia aproximando da borda, ouviu uma voz que lhe disse: «Padre Zósimo, lança teu manto a esta pobre pecadora, se queres que receba tua bênção e possa falar-te.»

Ouvindo-se chamar por seu nome, não duvidou Zósimo de que aquela pessoa, a quem Deus o havia revelado, era uma alma de grande santidade. Lançou-lhe seu manto e, havendo-se coberto a santa, saiu do buraco e foi-se em direção ao santo velho. Este pôs-se de joelhos e lhe pediu sua bênção; mas a santa, prostrando-se a seus pés, lhe disse: «Esqueceste-te, padre, de que és sacerdote; a ti toca dar-me tua bênção e rogar a Deus pela maior e mais miserável pecadora que tem havido no mundo.»

Concluída esta pequena contenda de humildade, e levantando-se os dois, rogou Zósimo à santa que lhe dissesse quem era e quanto tempo havia que habitava naquele deserto. «Sim o farei — respondeu ela —, mas façamos primeiro oração, e depois te responderei.» Voltou-se para o oriente, levantou as mãos e os olhos ao céu e passou algum tempo em oração. Orava também Zósimo e, voltando casualmente os olhos para ela, viu-a cercada de luz. Ocorreu-lhe então se seria acaso algum espírito ou algum fantasma. «Nem um nem outro sou — exclamou a santa, voltando-se para o santo velho —; sou um pouco de pó e cinza, que não merecia ver a luz do dia; mas, ainda que vil e miserável, sou cristã.» E, dizendo isto, fez o sinal da cruz na fronte, nos olhos, nos lábios e sobre o coração. Depois sentou-se e, rogando a Zósimo que se sentasse: «Sabe, padre — disse-lhe —, que aquele bom Pastor, que tem tanto cuidado das ovelhas desgarradas como das que nunca saíram do redil, não te enviou aqui sem altos fins; seja seu nome eternamente bendito.

«Eu sou — continuou logo — uma pobre mulher natural do Egito que, tendo deixado a casa de meus pais aos doze anos de minha idade para viver a minha liberdade, fui-me a Alexandria, onde me entreguei a todo gênero de dissoluções por espaço de dezessete anos. Não pecava por interesse; pecava unicamente por pecar, não pretendendo mais prêmio do pecado que o próprio pecado. Creio que até agora nenhuma mulher perdeu no mundo tantas almas, e que o inferno não suscitou nele cortesãs mais perniciosas que eu. Vendo um dia que concorria para o mar uma grande multidão de gente para embarcar-se, perguntei aonde iam e, havendo-me informado de que passavam a Jerusalém a celebrar a festa da Exaltação da Santa Cruz, deu-me vontade de seguir a multidão. Embarquei-me, e estremeço de horror quando me lembro dos abomináveis escândalos de que enchi todo o navio. Vivi em Jerusalém como havia vivido em Alexandria, com a mesma desordem, com a mesma dissolução, com a mesma desvergonha.

«Chegado o dia da festa, concorri com os demais à porta da igreja para adorar a Santa Cruz; mas, ao querer entrar, deteve-me poderosamente uma mão invisível. Fiquei tão surpreendida como sobressaltada; fiz novos esforços, mas todos foram inúteis; quanto mais forcejava, com tanto maior força era repelida. Abri os olhos da alma e conheci que minhas enormes culpas eram as que me faziam indigna de ver e de adorar o sagrado madeiro em que Jesus Cristo operou nossa redenção. Cheia de confusão, e desfazendo-me em lágrimas, comecei a olhar com horror meus gravíssimos pecados; à confusão seguiu-se imediatamente a dor; e, toda turbada, sentei-me num canto da praça, onde me abandonei inteiramente ao pranto, ao arrependimento, aos gemidos, aos suspiros que arrancava a dor do mais íntimo do peito. No meio desta desolação, levantei casualmente os olhos para cima e vi, diante de mim, uma imagem da santíssima Virgem. Lembrando-me então do que havia ouvido dizer muitas vezes, que Maria era mãe de misericórdia e refúgio de pecadores: "Mãe de misericórdia — exclamei —, tende piedade desta miserável criatura; refúgio sois de pecadores e, sendo eu a maior de todas as pecadoras, parece que tenho algum direito a vossa proteção. Não mereço, Senhora, que meu Deus derrame sobre mim aquela abundância de graça que derrama hoje sobre tantas almas fiéis que se aproveitam do sangue de Jesus Cristo; mas ao menos não me negueis o consolo de ver e adorar neste dia o sacrossanto madeiro em que meu doce Redentor operou a salvação de minha alma. Eu vos prometo, Senhora, que depois deste favor, que espero de vossa clemência, irei prontamente a um deserto chorar por todos os dias de minha vida minhas enormíssimas culpas e viver tão retirada do mundo que perca de todo até a sua infeliz memória."

«Animada então por uma extraordinária confiança, levanto-me, corro à igreja e entro nela sem resistência como todos os demais. Ali, penetrada toda de um religioso temor e despedaçado de dor o coração, prostro-me ante aquele precioso penhor de nossa redenção, detestando minhas maldades e regando o chão com minhas lágrimas.

«Feita esta diligência, volto com novo alento ao lugar onde estava a imagem da santíssima Virgem e, posta de joelhos, digo-lhe com maior confiança: "Mãe de misericórdia, depois de Deus, vossa é a obra de minha conversão; não deixeis imperfeito o que haveis começado; indigna sou de vossos favores, mas não de vossa compaixão; em vós ponho toda a minha esperança depois de Jesus Cristo; prometi-vos deixar o mundo, aqui estou a cumprir o que ofereci; dai-me a entender o que devo fazer e sede minha condutora no caminho da salvação."

«Apenas acabei de fazer esta oração quando ouvi distintamente uma voz como a longa distância que me dizia: "Passa o Jordão e acharás descanso." Não deliberei um ponto; e, suplicando à Virgem que fosse minha boa mãe, saio ao instante da cidade, levando por toda provisão três únicos pães. Cheguei ao anoitecer à margem do Jordão, onde achei uma igreja dedicada a São João Batista; entrei nela, passei em oração um pouco de tempo; e, depois de comer meio pão dos que levava, gastei o resto da noite em detestar minhas maldades, em gemer e em implorar a misericórdia divina. Logo que chegou a manhã, purifiquei minha alma com o sacramento da penitência, recebi a sagrada eucaristia e, voltando a encomendar-me à santíssima Virgem, a quem devo minha conversão, passei o Jordão num bote e entrei neste ditoso deserto, sendo de idade de vinte e nove anos, sem que em quarenta e sete que há que estou nele tenha visto outra pessoa senão a ti.»

«Pois de que te tens mantido?», replicou-lhe Zósimo. «O pouco de pão que levei — respondeu a santa — acabou-se logo; depois não tenho comido mais que ervas e raízes.»

«E deixou-te em paz o tentador?», perguntou-lhe o santo velho. «Não queiras, padre — prosseguiu a santa —, obrigar-me a que te conte as espantosas tentações, os horríveis combates, as terríveis provas a que me vi exposta por espaço de dezessete anos; só de lembrar-me delas estremeço; todo o inferno junto parecia haver-se desatado e conspirado contra mim; minhas paixões, meu coração, minhas potências, meus sentidos pareciam haver-se conjurado todos para perder-me. Quanto não me custou combater contra os violentos desejos da intemperança, vencer o tédio e o desgosto, sofrer o rigor das estações do ano, domar a carne e apagar as ideias do mundo e das diversões profanas! Se não pereci, efeito foi da misericórdia do Senhor. Para lidar com tantos inimigos não usava de outras armas que dobrar a oração, aumentar a penitência, ter cada dia maior confiança em Deus e na proteção da santíssima Virgem, à qual devo a graça de minha conversão e a de minha perseverança. Nela encontrava quanto havia mister; ela apresentou a seu Filho minhas lágrimas e meus gemidos, e ela me conduziu como pela mão nesta penosa carreira: *Auxiliatricem habui, ac pœnitentiæ susceptricem; et usque in hodiernum diem, in omnibus mihi adfuit protectrix mea, meque velut ad manum semper deduxit* [^1].»

Como viu Zósimo que se valia de algumas palavras e passagens da Sagrada Escritura, perguntou-lhe se a havia lido. «Nunca soube ler — respondeu a santa —; mas o Senhor tudo supre quando é sua santíssima vontade.» Dizendo isto, levantou-se e, encarregando-lhe o segredo enquanto ela vivesse, rogou-lhe que no ano seguinte voltasse a vê-la no dia de quinta-feira santa e lhe trouxesse a sagrada eucaristia para poder comungar. «Até aquele dia — acrescentou com espírito profético — não sairás do mosteiro, nem estarás em estado de poder sair; mas aquele dia virás à margem do Jordão e nela me encontrarás.» Com o que lhe pediu sua bênção e retirou-se.

O santo velho Zósimo, louvando mil vezes o Senhor por lhe haver descoberto aquela maravilha da graça, voltou a seu mosteiro, onde passou todo o ano em perpétuo silêncio e em mais rigorosa penitência. Chegada a quaresma seguinte, achou-se assaltado de uma ardente febre, que o molestou por toda ela e não lhe permitiu sair do mosteiro até a quinta-feira santa, segundo a profecia da santa. Neste dia, obtida particular licença de seu abade, saiu do convento e chegou já muito tarde à margem do Jordão, levando consigo a sagrada eucaristia. Apenas chegou, quando à luz da lua descobriu a santa na margem oposta. Era a dificuldade como havia de passar o rio; mas a santa, feito o sinal da cruz, caminhou sobre a água como poderia sobre terra firme. Atônito e assombrado Zósimo, pôs-se de joelhos; mas a santa o levantou, lembrando-lhe que era sacerdote e dizendo-lhe que olhasse o que trazia consigo. Prostrada depois em presença do santíssimo Sacramento e desfazendo-se em lágrimas, pediu ao padre que rezasse o Credo e o Pai-nosso. Acabadas estas orações, deu-lhe o santo a comunhão; e ela, penetrada dos mais vivos sentimentos de devoção, de amor e de reconhecimento, levantando os olhos e as mãos ao céu, exclamou dizendo: «Agora, Senhor, deixai ir em paz a vossa serva, segundo vossa divina palavra, pois viram meus olhos a salvação que vem de vós»; e, voltando-se depois a Zósimo, disse-lhe: «Padre, outra graça tenho que pedir-te, e é que a quaresma que vem tenhas por bem voltar àquela parte do deserto onde me viste a primeira vez, e ali me acharás como Deus for servido.» «Pois eu também tenho que pedir-te — replicou-lhe Zósimo —, e é que queiras tomar alguma coisinha do que te trago preparado para comer.» A santa tomou só três grãos de lentilha, que meteu na boca, pediu-

lhe sua bênção, fez o sinal da cruz, voltou a passar o Jordão sobre as águas e retirou-se.

Chegado o ano seguinte e o tempo costumado em que os monges se retiravam ao deserto, saiu Zósimo com os demais e encaminhou-se para aquela parte onde dois anos antes havia encontrado nossa santa, indo agora muito prevenido para não esquecer-se de perguntar-lhe o nome, como se havia esquecido nas duas ocasiões precedentes. Mas já a encontrou morta, estendido por terra o cadáver, tão fresco como se acabasse de expirar, e junto a ele escritas na areia estas palavras: «Padre Zósimo, enterra aqui, por caridade, o corpo da pobre Maria, que morreu no mesmo dia de quinta-feira santa, logo que recebeu a sagrada comunhão, e não te esqueças de rogar a Deus por ela.»

Enterneceu-se Zósimo à vista do santo corpo e derramou algumas lágrimas. Feita depois oração, viu vir para ele, do interior do deserto, um leão de extraordinária grandeza. A princípio sobressaltou-se; mas serenou logo, vendo que a fera se aproximava mansamente da santa e como que lhe beijava os pés; e, encostando-se depois ao próprio Zósimo, começou como a afagá-lo com brandos movimentos da cauda. Feito isto, abriu com as garras um buraco bastantemente profundo e, voltando a embrenhar-se no deserto, deixou liberdade a Zósimo para enterrar o santo corpo, como o fez, cantando os salmos e as demais orações segundo o uso da Igreja. Concluído este piedoso ofício, restituiu-se Zósimo a seu mosteiro, onde contou o que havia visto do modo que acabamos de referir.

Muito desde logo se começou a celebrar o culto da santa na Igreja grega e quase desde o mesmo tempo na latina. Em muitas dioceses se celebra ainda hoje com grande solenidade sua festa no dia 2 de abril, e em outras no dia 9. Diz-se que uma parte de suas relíquias se trasladou a Roma quando os infiéis começaram a apoderar-se da Terra Santa. Em Tournai [^2] se veneram algumas delas, que é tradição haver dado o papa Hormisda a Santo Eleutério. Em Nápoles se conserva a cabeça desta santa penitente, trazida àquela cidade pelo abade da Calábria no ano de 1059. O Martirológio Romano anuncia sua morte no dia 2 de abril; mas a festa de São Francisco de Paula nos obrigou a trasladar ao dia 3 a história de sua admirável vida.

Martirológio Romano

Em Taormina, na Sicília, São Pancrácio, bispo, que, tendo sido martirizado, selou com seu sangue o Evangelho de Jesus Cristo que havia pregado naquela cidade, aonde foi enviado pelo apóstolo São Pedro.

Em Tomes, na Cítia, os santos mártires Evágrio e Benigno.

Em Tessalônica, o martírio das santas virgens Ágape e Quiônia, as quais, não querendo renunciar a Jesus Cristo, no tempo do imperador Diocleciano, sofreram primeiramente uma longa e penosa prisão e depois foram lançadas ao fogo, onde, sem que as chamas as tocassem, postas em oração, entregaram sua alma a Deus.

Em Tiro, São Vulpiano, mártir, que foi cosido num saco com um áspide e um cão e arrojado depois ao mar, durante a perseguição de Galério Maximiano.

No mosteiro de Medício, no Oriente, São Nicetas, abade, que padeceu muito no tempo de Leão, o Armênio, pelo culto das santas imagens.

Na Inglaterra, São Ricardo, bispo de Chichester, memorável por sua santidade e milagres.

Ali mesmo, Santa Burgondófora, virgem e abadessa.

Missa (oração)

A missa é da dominica precedente, e a oração da santa é a que se segue.

> **Latim:** *Exaudi nos, Deus salutaris noster, ut sicut de beatæ Mariæ Ægyptiacæ festivitate gaudemus, ita piæ devotionis erudiamur affectu. Per Dominum nostrum...*

Português: Ouvi-nos, Senhor e Salvador nosso, para que, assim como nos alegramos na festividade de Santa Maria Egipcíaca, assim também recebamos o fervor de uma devoção verdadeira. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 5 do apóstolo São Paulo aos Efésios.

Efésios 5,15-17

> **Latim:** 15 Videte itaque, fratres, quomodo caute ambuletis : non quasi insipientes, 16 sed ut sapientes : redimentes tempus, quoniam dies mali sunt. 17 Propterea nolite fieri imprudentes, sed intelligentes quæ sit voluntas Dei.

Português: 15 E assim vede, irmãos, de que modo andais sobre aviso: não como insipientes, 16 mas como sabios: remindo o tempo, pois que os dias são máos. 17 Por tanto não sejais imprudentes: mas entendei qual he a vontade de Deos.

Nota

«Havia estado São Paulo por muito tempo em Éfeso, metrópole da Ásia Menor, e havia trabalhado com infatigável zelo na conversão de seus habitantes. Achando-se preso em Roma, teve notícia de que alguns falsos doutores haviam entrado em Éfeso e ensinavam nela má doutrina, por cujo motivo escreveu esta carta aos fiéis, para confirmá-los na fé e nas verdadeiras máximas do Evangelho, no ano 62 de Jesus Cristo.»

Reflexões

Olhai, irmãos, que caminheis com cautela, como prudentes, e não como néscios ou como aturdidos. *Videte, fratres, quomodo caute ambuletis: non quasi insipientes, sed ut sapientes.* Pode haver maior imprudência que entregar-se a um mar borrascoso e cheio de escolhos, sem provisão, sem remos, sem velas e sem piloto? Pode haver maior loucura, maior temeridade, que caminhar sem armas por país inimigo? Pode haver mais néscia extravagância que andar de dia e de noite sem saber aonde se vai; que meter-se de olhos fechados num caminho fragoso, através das rochas, por entre os mais horríveis precipícios? A quantos se poderá dizer com toda a verdade: *Tu es ille vir?* Tu és o que cometes essa extravagância; tu o que fazes essa insigne loucura.

É o mundo um mar famoso por seus naufrágios. Navegue-se por ele a vela solta ou navegue-se a força de remos, nem por isso deixam de encontrar-se menos piratas, nem menos escolhos. Não há homem sobre a terra que não esteja de caminho. Esta vida não é mais que um trânsito: todos seguem sua carreira sem deter-se; mas pensam todos aonde vão?

Aquele jovem tão ansioso de divertir-se, tão solícito em buscar com que passar o tempo, ou com que perdê-lo, sabe ao menos que caminho segue, ou considera qual deva ser seu termo?

Aquele homem de negócios, tão faminto de dinheiro, tão ocupado em pôr em movimento todas as indústrias que lhe sugere a insaciável cobiça para ganhar mais e mais, tão servilmente escravizado a seus interesses, dedicou em muitos anos ao menos um quarto de hora a pensar no importante negócio de sua salvação? Tomou algumas justas medidas para sair bem dele? Expôs algum cabedal para negociar na eternidade?

Aqueles homens prudentes segundo o século, tão hábeis em projetos, tão fecundos em expedientes, cujos alcances penetram tão além; aqueles oráculos da prudência humana, sabem porventura aonde caminham? Tomaram algumas providências para sua própria segurança? Estão alerta para não adormecer à beira do precipício?

Aquelas mulheres do mundo, criadas na delicadeza e no regalo, ocupadas unicamente em seus adornos, em suas diversões e em coisas ociosas; aquelas mulheres, vítimas da vaidade e do orgulho, que só têm de cristãs o nome e a exterioridade, pensam acaso que não está muito distante a sepultura, que o dia vai declinando? E no meio desses estrados brilhantes, desses

profanos espetáculos, dessas conversações inúteis, desses jogos, lembram-se porventura do destino que as aguarda por toda a eternidade?

Coisa estranha! Ter-se-ia muita lástima, tratar-se-ia de tolo um homem que todo o dia andasse dando voltas sem objeto, sem saber aonde ia; e esses jovens libertinos que não se cuidam de seu último fim, esses homens de negócios, esses escravos dos prazeres, esses mundanos tão ignorantes, tão insensíveis em ponto de religião, hão de ter-se por prudentes e discretos? Dizei-me, pobres homens: sabeis qual há de ser vossa sorte?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 7 de São Lucas.

Lucas 7,37-38

> **Latim:** 37 Et ecce mulier, quæ erat in civitate peccatrix, ut cognovit quod accubuisset in domo pharisæi, attulit alabastrum unguenti : 38 et stans retro secus pedes ejus, lacrimis cœpit rigare pedes ejus, et capillis capitis sui tergebat, et osculabatur pedes ejus, et unguento ungebat.

Português: 37 E no mesmo tempo huma mulher peccadora, que havia na cidade, quando soube que estava á meza em casa do Fariseo, levou huma redoma de alabastro cheia de balsamo: 38 e pondo-se a seus pés por detrás d'elle, começou a regar-lhe com lagrimas os pés, e os enxugava com os cabellos da sua cabeça, e lhe beijava os pés, e os ungia com o balsamo.

Meditação

Da doçura da penitência

Primeiro ponto

Considera que se forma uma falsa ideia da penitência quando se concebe cheia de amargura e de desgostos. A casca é amarga, mas o fruto é doce. Pode-se comparar a penitência com as águas de Mara, cuja amargura se converteu num gosto grato e suavíssimo logo que Moisés mergulhou nelas aquele lenho, figura da cruz do Salvador [^3]. Os sentidos, as paixões, o amor-próprio encontram, na verdade, na penitência aspereza e desabrimento; mas a alma, que é a que unicamente lhe toma bem o gosto, experimenta-a cheia de uma requintada doçura.

Que coisa mais doce, que gosto mais delicioso, que alegria mais cheia nem mais sólida que a paz de Deus, a qual, como se explica o Apóstolo, excede todo sentido [^4]? Pois esta dulcíssima paz é fruto da penitência. Formemos conceito desta doçura cotejando-a com os penetrantes remorsos de uma consciência delinquente, com aquelas inquietações que despedaçam a alma, com aqueles sobressaltos, frutos naturais e necessários do pecado.

Que gozo não causa em todo o reino uma anistia ou perdão geral do soberano! Que consolo o de um filho rebelde quando sabe que seu pai lhe perdoou! Pois não é menor o que experimenta uma alma verdadeiramente mortificada e penitente; cada ato de mortificação é como um novo penhor do perdão de seus pecados; é uma bem fundada presunção de que o Senhor a restituiu em graça. Os espinhos servem de defensivo à flor e ao fruto, mas não lhes comunicam suas pontas. Por mais que os sentidos se alarmem, por mais que se queixe o amor-próprio, goza a alma uma requintada doçura quando se deixa perceber nela a unção da divina graça, que sempre acompanha a verdadeira penitência. Estando serena a consciência, o coração está contente. O pecador, diz o Espírito Santo, afeta também suas aparências de paz e até pretende persuadir-nos de que a goza; mas bem sabe ele mesmo que mente e que está muito longe de tê-la: *Pax, pax; et non erat pax* [^5]. Ao contrário, acrescenta em outra parte o mesmo Espírito Santo, bem podeis dizer ao homem justo que se console, porque a alegria, a paz, a abundância dos consolos interiores são herança sua, e eles embotarão perpetuamente a ponta a todas as suas mortificações: *Dicite justo quoniam bene* [^6]. Quando, Senhor, há de chegar o tempo em que creiamos mais em vossa divina palavra que nas errôneas preocupações dos sentidos e nas falsas sugestões do inimigo da salvação?

Segundo ponto

Considera que esta doçura da penitência consiste propriamente naquela paz da alma depois que se converteu a seu Deus; naquela suavidade interior, naquela secreta alegria, naquela doce esperança, naquela confiança filial que fazem gozar antecipadamente às almas penitentes as alegrias do céu; enfim, naquelas ternas lágrimas que derramam algumas aos pés de um crucifixo, nas quais acham prazer mais delicioso, gosto mais requintado que em todas as festas e diversões do mundo. Daqui nasce aquele semblante sempre risonho e aprazível, aquela tranquilidade, aquela paciência inalterável, aquela constante igualdade de humor que se observa de ordinário nos homens mais penitentes. A afabilidade, a doçura com que tratam seus irmãos é prova evidente da que gozam em seu coração.

São rígidos, são penosos os exercícios da penitência, é verdade: o jejum macera a carne, a modéstia do vestido humilha o espírito, o retiro e a solidão têm sua amargura; à mortificação interior não faltam seus espinhos, nem à exterior seus desgostos. Mas pergunto: é coisa impossível, acrescento mais, é coisa que se veja raras vezes que debaixo destas vozes que assustam, destas aparências que estremecem, destes espinhos que picam, se achem escondidas mil doçuras, mil flores verdadeiras? Consultemos o parecer de todos os santos; ponhamos os olhos em Santa Maria Egipcíaca entre os horrores do deserto. Quem a pôde sustentar nele por tantos anos? A graça do Redentor, não há dúvida. Mas, se esta graça não encerrasse o segredo de fazer doce a solidão, agradável a estância espantosa do deserto, fáceis as penitências mais assombrosas e delicioso o contínuo jejum, creríamos que uma mulher jovem, delicada, criada entre as delícias

do mundo, pudesse passar tantos anos nos exercícios mais rigorosos da penitência?

O jejum que se nos faz tão pesado, tão impraticável, quando o prescreve a Religião, quantas vezes se nos faz muito fácil, ou por cortejar um grande, ou por falar a um ministro, ou por adiantar alguma diligência numa pretensão, ou por tomar umas contas, ou por informar-nos de um pleito, ou por assistir a uma festa, ou por não levantar-nos do jogo? Que cilício mortifica tanto como esses sapatos que oprimem, esses espartilhos que sufocam, essa nudez que gela, essa extravagância de modas que têm a tantos e tantas numa contínua tortura?

Meu Deus, quantas vãs apreensões se dissipariam em ponto de penitência com um pouco de reflexão e com muito de religião! Disponde, Senhor, que as que acabo de fazer não sejam inúteis. Conheço que devo fazer penitência; seria o homem mais infeliz se morresse sem a haver feito. Ainda que não achasse nela mais que amarguras, sempre seria para mim muito saudável; mas, sendo-me tão necessária, não posso já dilatá-la para outro tempo.

Jaculatórias

> *Redde mihi, Domine, lætitiam salutaris tui.* Sl 50.

Dai-me, Senhor, a gozar aquela alegria que é penhor da paz convosco.

> *Secundum multitudinem dolorum meorum in corde meo, consolationes tuæ lætificaverunt animam meam.* Sl 93.

Sim, Senhor, à proporção das mortificações com que tenho lacerado meu corpo, são os consolos com que haveis regalado minha alma.

Propósitos

1. A penitência só é amarga na ideia dos que jamais gostaram os frutos dela. Coisa estranha! Tudo assusta os sentidos quando se oferece fazer alguma mortificação por amor de Deus; e estes mesmos sentidos não se assustam à vista do próprio objeto quando lho apresenta o mundo, a paixão ou o interesse. Faze hoje alguma reflexão sobre os trabalhos que tens padecido, sobre as mortificações que tens tolerado, sobre o que tens tido que sofrer pelo mundo, por teus amigos, por satisfazer alguma paixão, por algum interesse ou por alguma condescendência; e compara estas penitências inúteis e amargas com a que tens feito por teus pecados. Que desigualdade! Contentar-se-ia Deus com que tivesses feito por seu amor muito menos do que fizeste pelo mundo.

E que consolo seria agora o teu se tivesses padecido algo por amor de Deus! Que alegria, que satisfação se sente na Páscoa quando se passou a quaresma em exercícios de penitência! Quando tu mesmo te mortificaste por um motivo de religião, que gozo foi o teu! Se não o experimentaste até agora, faze logo a experiência. Resolve-te a mortificar-te hoje com espírito de verdadeira penitência, e à noite gostarás o doce consolo que te produzirão tuas mortificações.

2. Mas são muito inúteis os propósitos vagos e indeterminados; para que sejam eficazes é mister descer a coisas particulares. Primeiro: em lugar de ires passear ou fazer alguma visita inútil, vai a uma igreja chorar aos pés de Jesus Cristo tantas belas horas como tens perdido em vãos entretenimentos. Segundo: há mil pequenas indústrias para mortificar o corpo sem detrimento da saúde. Pode-se estar de joelhos sem apoiar-se; privar-se de certas satisfações por espírito de penitência; proibir-se por espaço de um ano o uso de certos manjares, de certas frutas, de certas gulodices a que tens vehemente apetite; negar-se certas delicadezas que em suma não são mais que refinadas invenções da sensualidade; não comer jamais sem temperar a comida com alguma mortificação; enfim, fazer todos os dias, ou ao menos em determinados dias da semana, e singularmente nas vésperas das festas e até nos mesmos dias de comunhão, algumas penitências com aprovação do confessor. As doçuras interiores que acompanharão de perto estes piedosos exercícios te convencerão logo de que os frutos da penitência somente são amargos na apreensão dos que jamais os gostam.

[^1]: «Do manuscrito grego do rei cristianíssimo, cotejado com outro do duque da Baviera, cap. 2.» (O original traz a indicação em latim.) [^2]: O texto do OCR traz «Fornay»; é provavelmente Tournai, de que Santo Eleutério foi bispo. A correção é conjetural. [^3]: Ex 15. O OCR traz «Exod. 18», mas o episódio das águas de Mara está em Êxodo 15. [^4]: Fl 4. [^5]: Jr 6. [^6]: Is 3.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:43 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:43 by Admin